



Universidade de Brasília – UNB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Márcia Maria Pacheco Moreira

**O HUMOR SATÍRICO MACHADIANO EM UMA BREVE ANÁLISE DOS CONTOS
PAI CONTRA MÃE (1906) E MARIANA (1871)**

Brasília-DF

2022



MÁRCIA MARIA PACHECO MOREIRA

**O HUMOR SATÍRICO MACHADIANO EM UMA BREVE ANÁLISE DOS CONTOS
PAI CONTRA MÃE (1906) E MARIANA (1871)**

Artigo apresentado como parte dos requisitos necessários para a conclusão do curso de Letras Português Licenciatura pela Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Ana Laura dos Reis Corrêa

Brasília – DF

2022

O HUMOR SATÍRICO MACHADIANO EM UMA BREVE ANÁLISE DOS CONTOS PAI CONTRA MÃE (1906) E MARIANA (1871)

Márcia Moreira¹

RESUMO

Este artigo é resultado de um estudo sob o aspecto satírico do discurso machadiano, presente em, praticamente, todos os seus contos e romances. Machado entrega, de forma magistral, nos dois contos selecionados para estudo, diferentes pontos de reflexão e crítica social: a escravidão, a miséria, a aristocracia, a passagem do mundo predominantemente rural para o mundo urbano e, principalmente, como pano de fundo desse cenário, a hipocrisia social, que é atacada constantemente através da linguagem irônica e satírica. O discurso não permite que absurdos passem despercebidos, que críticas fiquem incólumes. Tampouco fica incólume o leitor. Machado demonstra a capacidade aguda de inflamar os ânimos, perturbar convicções e atingir no centro os nossos conceitos e preconceitos, colocando o leitor em xeque, principalmente em *Pai contra mãe* (1906), sobre o que pensar, o que defender, qual lado é o certo e qual o errado. Em *Mariana* (1871), Machado incomoda novamente. A sátira, feita de maneira primorosa e com uma sutil ironia, consegue dar a sensação de que o autor se passa por tolo, como se não quisesse dizer o que diz; mas o leitor sabe perfeitamente o que ele quer dizer. Mariana era quase senhora; não podia sê-lo, era escrava. Havia um pai e uma mãe. O pai “ganhou” a batalha; a mãe era escrava. Essas dualidades impactantes, duas mortes angustiantes, e um leitor que se surpreende a cada leitura e a cada novo ponto de vista.

Palavras-chave: discurso machadiano; escravidão; hipocrisia; sátira; ironia.

ABSTRACT

This article is the result of a study on the satirical aspect of Machado's discourse, present in practically all his short stories and novels. Machado delivers, in a masterful way, in the two short stories selected for study, different points of social reflection and criticism: slavery, misery, aristocracy, the passage from the predominantly rural world to the urban world and, mainly, as the background of this scenario, social hypocrisy, which is constantly attacked through ironic and satirical language. Discourse does not allow absurdities to go unnoticed, or criticism to be unscathed. Nor is the reader unscathed. Machado demonstrates the acute capacity to inflame spirits, disturb convictions and reach our concepts and prejudices at the center, putting the reader in check, mainly in *Father against mother* (1906), about what to think, what to defend, which side is right and which the wrong. In *Mariana* (1871), Machado is uncomfortable. The satire done in a masterful and so subterfuge way manages to give the feeling that the author is pretending to be a fool, as if he does not mean what he says; but the reader knows perfectly well what he means. Mariana was almost a lady; she couldn't be, she was a slave. There was a father and a mother. The father “won” the battle; the mother was a slave. These impactful dualities, two distressing deaths, and a reader who is surprised by each reading and new point of view.

Keywords: Machado's discourse; slavery; hypocrisy; satire; irony.

¹ Aluna do Curso de Letras – Português e sua Respectiva Literatura, da Universidade de Brasília – UnB.

1. INTRODUÇÃO

Como bem define Roberto Schwarz (2000), em “*Um mestre na periferia do capitalismo*”, Machado tem uma fórmula narrativa, e esta consiste em alternar sistematicamente perspectivas nas quais apura-se um jogo de pontos de vista que foi produzido pela própria sociedade brasileira. A estrutura do país é captada e dramatizada, sendo transformada, então, em regra da escrita. Schwarz afirma algo de forma ideal: “a prosa narrativa machadiana é rara, uma vez que possui um movimento que é nada menos que um espetáculo histórico-social complexo”.

O assunto principal fica para depois. Não há preocupação inicial com o tema foco, haja vista o pano de fundo atrás do qual as discussões ocorrem ser muito mais importante. Schwarz (2000) vai mencionar características como ousadia, lucidez social, insolência e despistamento – o que, de fato, expressam perfeitamente características próprias machadianas –, que, por certo, desenvolvem-se no cenário da dominação de classe no Brasil. Machado adota uma posição de aceitação comum, a despeito de toda a mudança ocorrida no contexto social.

Uma forma de criticar sem que fosse algo tão perceptível a ponto de expressar, verdadeiramente, uma crítica, era a escrita inteligente, ácida, aguda, feroz. As palavras de Machado perpassam o peito como adagas, constrangendo, emocionando, indignando (isso mais constantemente), revoltando. Os leitores estão em conflito emocional, e é tudo o que deseja o narrador.

Ora, esse narrador quer apresentar elementos sérios para seus leitores. Quer instruir, ajudar, levar fatos – ainda que as histórias não sejam narrativas idênticas a algo ocorrido –, abrir os olhos do leitor tolo, fútil, equivocado e, também, alertar aos que têm uma melhor percepção da realidade. Mas, Machado faz críticas e ironias de forma tão genial que o leitor quase não sente as armadilhas. A escrita é desenvolvida de forma despreziosa e, de repente, estamos diante de uma grande história, uma grande mensagem e um excelente texto. Schwarz (2000) chama esse efeito de obnubilação. De fato, é assim que o leitor se encontra.

Frazão (2009), ao analisar a sátira, afirma perceber que, mesmo não sendo possível garantir uma filiação literária entre Machado e Horácio, percebe nuances semelhantes em alguns momentos, nos textos de inclinação satírica. O objeto deste trabalho é justamente analisar os aspectos do humor satírico na narrativa machadiana em dois contos, o que pode parecer, em princípio, tarefa fácil. Interessante notar que Frazão (2009) chama atenção para o fato de que a sátira machadiana é acompanhada de ironia, utilizando o humor e a ironia como

escudos que, tanto protegem o cronista e divertem o leitor, sem deixarem de apresentar um aprofundamento psicológico e um forte caráter crítico. Os personagens machadianos ocultam outros aspectos, muitas vezes mais perversos do que o leitor pode perceber. Frazão diz que, diferente de Horácio, que dava à sátira leveza, Machado suaviza ainda mais as suas sátiras, de forma que fiquem, na verdade, destruidoras. Outro ponto importantíssimo levantado por Frazão (2009) é o de que a ironia de Machado tem potência porque está centrada na invisibilidade do ataque.

De fato, nosso autor era tão sagaz, tão delicado, tão sutil, que mal se percebem os ataques. Todavia, uma vez deparados com eles, sentimos na carne e nos espantamos com tamanha artimanha de escrita. Em *Pai contra a mãe*, em nenhum momento conseguimos identificar prontamente quem será a mãe da história, que imaginamos, inicialmente, ser a esposa de Cândido. Ora, características desagradáveis sobre o personagem nos são apresentadas de modo muito imperceptível, que parecem ser pouco importantes, mas fazem todo o sentido ao final. Por um lado, encontramos um personagem em situação de desespero, miséria, sofrimento, com um filho. Por outro lado, encontramos uma mulher, escrava fugida, que implora para que Cândido não a leve de volta, pois estava grávida e tornar-se-ia mãe. Porém, Cândido precisava do dinheiro para salvar seu filho. Abrir mão disso salvaria a escrava, Arminda, que conseguiria ter seu filho nos braços. Todavia, Cândido não teria mais o seu, daí o título do conto.

Esse impasse de força emocional divide os leitores, reclama análises, suscita teses, demanda defesas, divisões, percepções e, no fim, nota-se que o foco está na miséria de ambos, no sistema escravocrata; no fato de que um homem, também sujeito ao sistema miserável se dá ao ofício de capturar escravos sem, por isso, dar conta de que eles eram pessoas. Era apenas um ofício. Não enxergava homens e mulheres. Enxergava escravizados que precisavam voltar para seus donos e seus trabalhos.

Em *Mariana* (1871), temos a escrava que estudava, sabia costurar muito bem, e era tratada como se fosse da família. Tinha modos de senhora, apesar de ser escrava. Aqui já temos um panorama igualmente sob a perspectiva da escravidão, mas de dentro da casa de engenho, onde apesar de ter uma vida, digamos, amena, em nenhum momento deixou a subserviência de escrava. Observamos agora uma situação de dentro da casa dos senhores, com a escrava que era bem tratada e tida como filha. Em *Pai contra mãe* (1906), Machado apresenta um capitão do mato e uma escrava fugida. A perspectiva de um homem pouco afeito aos esforços de trabalho, que encontrava na recompensa pela busca dos escravos seu melhor ofício; de outro lado, Arminda, uma escrava fugida, grávida, implorando por sua vida. São esses dois objetos que passaremos a analisar.

2. PAI CONTRA MÃE (1906)

Cândido Neves, homem pouco afeito ao trabalho, vive em condições de extrema miséria e encontra no ofício de caçar escravos o seu ganha pão. Casa-se com Clara e, no decurso natural, os dois têm um filho. Esse fato causava muita preocupação em Tia Mônica, a tia de Clara. Em virtude do agravamento da crise econômica, a mulher dizia que não seria possível aos dois criar uma criança, já que ela seria infeliz e morreria de fome rapidamente.

Candinho (para a família) se vê em situação pior a cada dia, uma vez que muitos outros também se dedicam a tal função de capitão do mato, o que deixava mais difícil conseguir alguma coisa. Não tinha talento ou vontade para outras atividades, sendo até mesmo um serviço fácil e de rápido retorno capturar os fugitivos. Interessante notar como o fato de depender da fuga de outrem era o que manteria uma tranquilidade, mesmo que fugaz, no ambiente do personagem. Cândido dependia apenas de algum escravo fugir e ele conseguir capturá-lo.

Após o nascimento do filho e a pobreza se agravar, Tia Mônica convence os dois, pai e mãe, a levarem o filho para a Roda dos Enjeitados, sob o pretexto de que lá o menino teria melhores chances de sobreviver. O amor dos pais impede por um tempo que essa decisão seja tomada, já que os dois se recusavam a abandonar o filho. Todavia, em virtude da miséria cada vez maior, Cândido e Clara aceitam que a única forma de salvar a vida do filho é levá-lo dali.

Ao sair de casa, com o menino no colo, Cândido anda devagar, como para atrasar o momento da entrega da criança. Sua dor e seu sofrimento causam angústia no leitor, que sente o sincero pesar da personagem e a atmosfera infeliz que circunda a narrativa. Porém, ocorre que Cândido visualiza em um certo local uma mulher, que prontamente reconhece ser uma escrava fugitiva, a qual atribuíram um significativo valor por sua captura, haja vista a dificuldade para encontrá-la e o tempo que estava desaparecida.

Cândido então deixa o filho numa farmácia, recomendando que cuidassem dele por um breve momento, prepara sua corda e vai até a escrava fugida, Arminda. A mulher luta com todas as forças, implorando piedade, em desespero, suplicando por sua vida, até revelar que está esperando um filho. Cândido não se compadece da escrava e a devolve para o seu senhor, que lhe paga a ambicionada recompensa. A mulher, com tanto sofrimento, jogada ao chão, sangra, e termina por abortar o filho que esperava.

Cândido volta ao local onde deixou o filho, levando-o de volta para casa, já que recebera o dinheiro, uma boa quantia que ajudaria por um tempo. Tia Mônica perdoou o fato dele voltar com o filho, já que trazia um montante considerável. Cândido chorava, abraçando o filho, agradecendo a fuga – que lhe proporcionou a possibilidade de ganhar o dinheiro –, não se

preocupando ou pensando no aborto sofrido pela escrava, afinal “Nem todas as crianças vingam.”

Importante essa frase que, para além de toda a narrativa, principalmente no momento da captura de Arminda, demonstra a luta de interesses. Eles eram diferentes, ainda que ambos fossem miseráveis. Arminda era escrava, era propriedade, não deveria fugir. Como guardiões da posse do senhor, os capitães do mato, caçadores de recompensa, enfim, exerciam uma atividade importante e distinta, dentro dos limites sociais de uma comunidade escravocrata. Um escravo fugido era inaceitável e, portanto, deveria ser caçado, capturado e devolvido ao seu dono. A escrava deveria ser devolvida, ainda mais naquela situação. Cândido queria a recompensa para livrar, ainda que momentaneamente, a família da miséria e ficar com seu filho. Arminda, para ele, não era mulher nem mãe, era uma escrava, escrava fugida. Não lhe pesa, nem ocorre refletir que esperava um filho e o perdeu, pois, afinal, era somente uma escrava.

Como explica Castañeda (2012), os polos entre os personagens (o pai e a mãe) refletem a escrava que trabalha e Cândido, o desempregado, branco, que, por dinheiro, prende e causa, por essa ação, a morte de uma pessoa. A autora defende que o texto seja um simulacro da história de dominação do homem branco sobre o homem negro e o mundo. Os brancos buscam valores, o dono da escrava busca o objeto, a propriedade, e Cândido busca dinheiro e manter sua família com o filho. Vemos quem vence a luta.

Castañeda (2012) também entende que o conto mostra algo sob o ponto positivo e algo sob o ponto de vista negativo. Considerando a sociedade escravista, o escravo ser livre é algo negativo; do ponto de vista do escravo e dos abolicionistas, tinha sentido positivo. A autora salienta, então, que Cândido atualizava a negação, pois tinha para com o “senhor” um contrato fiduciário. Ela ainda diz que a liberdade era disfórica para alguns e eufórica para outros.

O texto, para o destinatário contrário à escravatura, assume um aspecto disforizante, já que a liberdade tem um sentido positivo, mas não se concretiza. O que ocorre é a prisão da escrava. A prisão assume um sentido negativo, injusto. Eufórico é a ordem que simboliza a prisão da escrava fugitiva. Disfórica é a falta de dinheiro, a liberdade do negro, a desunião familiar e não ter mais o filho.

Também a autora (2012) defende que a narrativa é de aquisição ou transformação reflexiva, uma vez que Cândido se realiza financeiramente com o valor da recompensa; é uma apropriação, já que passa de uma situação de privação para uma de doação, tornando-se realizado. Arminda, por sua vez, passa de livre à prisioneira, o que a autora chama de narrativa de espoliação.

Castañeda (2012) traz uma reflexão interessante quanto à argumentatividade, na medida em que veicula uma ideologia antiescravista, o que se percebe pelas ironias de Machado ao trabalhar os aspectos da opressão, dentre outras ações cometidas contra a escrava. O capitalismo vence, conjugando objeto-valor dinheiro, como explica a autora. Assim, a vida da criança branca é salva, enquanto morre a negra. Castañeda (2012) ensina que o branco representa o Poder. Cândido sabe, por um jornal, que uma escrava havia fugido. Isso, segundo a autora, é um fruto da transformação do personagem principal, pressupondo que seja dele a competência, já que ele tem o conhecimento de algo que possa levá-lo ao seu objetivo (capturar a escrava e receber a recompensa).

A autora segue em sua análise, ressaltando que o personagem Cândido possui as qualidades de que precisa para alcançar o objetivo. Ele é manipulado pelo dono da escrava, que representa o capitalismo, representante da sociedade escravista, levando-o a manter a ordem, a defender o direito de propriedade. Também é movido pela pobreza, inaptidão para outro ofício, necessidade financeira, que manteria o filho ao seu lado. Além da força física, agilidade e coragem, tem ao seu lado a aprovação da sociedade escravocrata.

3. MARIANA (1871)

Mahl (2010) traça um panorama interessante antes de adentrar na análise do conto *Mariana*, que, na realidade, é analisado em suas duas versões – a de 1871 e a de 1891. A autora ressalta que, em 1850, com o fim do tráfico negreiro, todo o capital que estava voltado à importação de escravos passou a ser aplicado para outras finalidades. Assim, iniciou-se o triunfo dos mercadores e especuladores urbanos, que alcançaria sua completude com a abolição, em 1888.

Os meios urbanos ascenderam, causando o princípio da perda do prestígio dos senhores rurais, ao tempo em que propiciaram o destaque dos políticos, burocratas e profissionais liberais. Ou seja, o panorama urbano e modernizado. Todavia, como bem explica Mahl (2010), as ocupações urbanas eram papel dos donos de engenho e seus herdeiros, que levavam a mentalidade rural para o ambiente urbano. Tal mentalidade valorizava o trabalho mental em detrimento do físico, enaltecendo certas características e qualidades de “inteligência” e imaginação. Todavia, a autora ressalta que não era a inteligência como uma ferramenta para conhecimento e ação, mas sim como ornamento (frases sonoras, erudição como instrumento de ostentação, expressões raras). Inclusive, a autora explica que, quando houve a tentativa de instaurar uma burguesia urbana no Brasil, traços do patriciado rural foram disseminados como se fossem uma norma ideal de conduta.

O rural para o urbano acarretou conservação da mentalidade da classe senhorial, da preponderância do privado sobre o público, a repulsa à moral fundada no trabalho físico, a pessoalidade sobre a impessoalidade, que são, segundo Mahl (2010), herança ibérica ao povo brasileiro.

A autora, sobre esses aspectos da ruralidade e da urbanidade, destaca que tais heranças culturais modificam e direcionam o comportamento social brasileiro, o que nos encaixa num pano de fundo do contexto no qual se passa o conto *Mariana* (1871). A princípio, temos o personagem Macedo, que está voltando da Europa para o Rio de Janeiro, após 15 anos. O homem é fruto dessa herança burguesa brasileira, não um homem de trabalhos e esforços, mas de viagens e riquezas. Ao chegar à cidade, nota-se um ar de saudosismo, de reencontro e observação de todas as mudanças, o reconhecimento da modernização da cidade.

Macedo encontra, então, Coutinho, um velho amigo, e os dois decidem convidar mais dois amigos para um almoço, que se dá de uma maneira agradável. O cosmopolita conta suas viagens para a Europa; o negociante conta sobre seu trabalho e suas conquistas profissionais, o escrivão mantém-se calado e Coutinho acaba por demonstrar ser o mesmo em sua ociosidade, mas agora um tanto lastimoso por não ter conseguido se casar. Coutinho era um homem que se dedicava ao ócio digno, diferente dos demais que viviam de seu trabalho. É a história desse homem que o leitor passa a conhecer.

A narrativa, então, desenvolve-se ao redor da história de Coutinho que, após ser questionado por Macedo sobre o casamento com Amélia, sua prima, revela ao amigo que esse não ocorreu devido a outras questões. Coutinho fica calado e sério, e decide confidenciar algo aos amigos. Assim, começa a contar sua história. É interessante a seriedade do personagem para *revelar* um acontecimento em sua vida, como se fosse algo preocupante. Coutinho vai para o ano de 1856, quando tudo aconteceu. É interessante ressaltar que, tanto Coutinho quanto Macedo não fazem alusões a seus trabalhos, o que só reforça a ociosidade de suas vidas, entre viagens e distrações, resquícios de uma herança rural e senhoril.

O personagem que toma a frente do foco narrativo assume uma expressão de gravidade para discorrer sobre sua história. Diz que nunca, nem antes nem depois de Amélia houve quem o amasse mais do que a “cria da casa”. Tal informação choca os ouvintes atentos.

A narrativa desse caso tem, segundo análise de Mahl (2000), três pontos: o segredo de Mariana, o “projeto romântico” de Coutinho e o epílogo de Mariana. Ocorre que, após Coutinho ficar noivo de sua prima Amélia, Mariana muda o comportamento, assumindo uma postura triste e retraída. Certa feita, vai até o quarto de Coutinho, com a desculpa de devolver-lhe um maço de charutos. Olha diretamente em sua direção, com os olhos cheios de lágrimas. Coutinho

questiona os motivos e ela sai do quarto correndo, mantendo-se calada durante os dias seguintes.

Josefa, irmã de Coutinho, também nota a mudança no comportamento e os dois começam a especular sobre os motivos que levaram Mariana a agir de forma diferente. Cogitam poder se tratar de algum namoro. Coutinho pergunta: “É quem será o namorado da senhora Mariana [...]. O copeiro ou o cocheiro?” (ASSIS, 1994, n.p). Aqui, já notamos, ainda que aparentemente despretensiosa, mas muito contundente, as diferenças de classes. Não se cogita quem seria o pretendente ou namorado de Mariana que não fosse um dos outros serviçais da casa; jamais um senhor da casa. Coutinho jamais pensaria que seria ele o objeto dos desejos de Mariana, o que será demonstrado mais à frente, quando Josefa compreende que o amor de Mariana era, de fato, seu irmão. Coutinho chega a dizer que Mariana não se atreveria a tanto, ao que Josefa responde: “Parece que se atreveu.” (ASSIS, 1994, n.p)

Interessante notar que a percepção de Coutinho sobre a escravidão é como a de uma fatalidade e não como um fato. Ele entende um conflito entre a educação de senhora e a condição de escrava, pensando que é possível romper com a condição de escravidão pelo casamento. Essa ideia só se mantém enquanto ele não sabe que o objeto do amor de Mariana é ele mesmo. Mariana sabe que é um amor impossível, pois entende que não é concebível ultrapassar os limites sociais impostos.

A partir de então, Mariana passa a se comportar de forma cada vez mais diferente e triste. Deixa de comer, não quer se medicar. Após Coutinho ouvir de Josefa que ele é o alvo do amor de Mariana, sente-se lisonjeado, como se compreendesse a situação. Mariana, todavia, não se deixa entregar esperando retribuição, mas reconhecendo que não será possível ter um relacionamento com Coutinho. Isso leva seu espírito a uma constante tristeza.

Mahl (2000) entende que, pelo fato de Mariana ter estudo, não se sujeitou à situação de se relacionar com Coutinho, mesmo isso sendo possível, por entender que jamais haveria algo além disso. Lembra o poema “Sabina”, também de Machado, no qual a personagem engravida do “senhor moço”, que se casa com uma “donzela gentil”. A autora analisa que Mariana difere de Sabina pelo fato de que esta vivia num meio rural, sem acesso à educação, diferentemente de Mariana, que recebeu instrução tal como as filhas de sua senhora.

Vieira (2019) chama atenção também para a atitude de Coutinho em face de Mariana, que era aquela que estava sempre fora da mesa de jantar e longe das visitas, deixando evidente o distanciamento entre as classes sociais compostas por negros escravos e senhores. Segundo a autora, essa forte característica mostrava as relações de poder utilizadas pela família desse jovem e também pela sociedade oitocentista, já que a superioridade do branco sempre

necessitou que houvesse afirmação do seu poder por meio da negativa do sentimento de igualdade ao povo preto. Assim, Coutinho afirmava que Mariana era tratada “como se fosse livre”, que recebia afeto fraternal, sempre reforçando a quase condição de pessoa, já que era “quase livre”, “quase senhora”, uma vez que a plenitude era reservada apenas aos brancos.

Mariana resolve fugir, sendo encontrada depois na casa de Amélia. Coutinho fica responsável por levá-la de volta. Na realidade, ele se coloca como responsável por ela nessa situação por acreditar ser o “culpado” pela tristeza da moça, já que era o motivo de todo o infortúnio dela. Coutinho não revela a Mariana que conhecia o motivo real de sua tristeza, reforçando, ao encontrá-la, que estaria sendo ingrata com a senhora, que tanto fez por ela, respondendo com atitudes tão incongruentes.

A última fuga de Mariana preocupa mais e, nesse ponto, já se nota um dissabor de Amélia diante da situação. Começa a sentir ciúme do cuidado e preocupação de Coutinho para com Mariana, o que posteriormente vai levar ao fim do noivado. Ao chegar o dia do Natal, Mariana foge outra vez, sendo novamente procurada por Coutinho. Este, após muito procurar, acaba descobrindo que a moça estava num hotel, escondida. Coutinho tenta convencê-la a voltar, e acredita que precisará usar força para levá-la para casa. Todavia, após um momento sozinha, Mariana ingere um veneno e diz que planejava fazer aquilo no dia do casamento de Coutinho, mas, que diante da situação, decidiu por tomar aquela atitude logo. Assim, ela morre após pedir que Coutinho se lembre dela às vezes.

Posteriormente, Coutinho encerra sua história dizendo que nunca foi tão amado como Mariana o amou. O foco narrativo volta para Macedo que sai, em seguida, junto com os demais os amigos, andando pela Rua do Ouvidor, examinando os pés das damas que desciam dos carros, e julgando terem, com a conversa, restituído a sua mocidade.

4. HUMOR SATÍRICO NOS DOIS CONTOS ANALISADOS

Proença (2015) analisa os aspectos satíricos em Machado de Assis. Ele ensina que uma investigação sistemática é, no sentido médico de dissecação, uma anatomia. Há, então, aproximação com Bakhtin, ao tempo em que se liga mais à investigação do que à conclusão. A sátira menipeia testa princípios filosóficos, de acordo com Griffin (1994 *apud* PROENÇA, 2015). Para Bakhtin, contudo, menipeia é dialógica e polifônica. Ele entende que a sátira é uma investigação vinculada à mudança experimentada pela retórica. Assim, o que seria importante não é somente a prescrição de um comportamento adequado a padrões, mas o processo de análise e exploração das verdades dispostas socialmente.

O autor também ressalta que é muito peculiar a Machado de Assis o termo anatomia como procedimento de investigação. A tal expressão se associa a noção de paradoxo. Proença também entende que o recurso da anatomia é, em Machado, fértil e frequente. A respeito da sátira como ironia instável, explica que esse recurso satírico, formalmente, apresenta mais do que anatomia e paradoxo, uma vez que nem sempre aquele que usa a sátira resiste ao humor. Nesse sentido, atinge-se o território da ironia. Assim, a ironia satírica é instável, não podendo ser compreendida como um interruptor binário – de liga e desliga –, conforme explica o autor, mas sim como um espectro de efeitos de “quase querer dizer algo que se diz”, e “quero dizer o oposto do que estou dizendo” (GRIFFIN, 1994, *apud* PROENÇA, 2015).

O reflexo dessa figura linguística leva a um terreno pantanoso, onde faltam bases necessárias para que se estabeleça a ortodoxia (PROENÇA, 2015). Assim, a figura do *dimmer*, mencionada anteriormente, aponta dificuldades ao tentar determinar o nível da ironia, segundo Griffin (1994, *apud* PROENÇA, 2015).

Quando Griffin fala de instabilidade, conforme explica Proença (2015), pode ser ratificada a ambivalência e a ambiguidade, já que tais termos desestabilizam o recurso básico para a construção do sentido, que é a referência linguística. O autor entende que tal recurso propriamente dito é muito característico de Machado, no qual percebemos ambivalências e ambiguidades.

Sá Rego (1989 *apud* PROENÇA, 2015) entende que a ambivalência e a ambiguidade são irmãs gêmeas da ironia satírica, vinculadas ao riso e ao humor, desde os costumes dos gregos. O riso, na sátira grega, apresenta uma personagem que fala com seriedade através do riso.

Sá Rego, de acordo com Proença (2015), demonstra que os textos de Machado de Assis expressam características da poética do lucianismo (sátira *menipeia*), ou seja, um hibridismo genérico como forma de inovar artisticamente, utilizando paródias e citações truncadas, em liberdade de imaginação e fantasia, em oposição à exigência aristotélica mimética; emprega também, sistematicamente, o ponto de vista irônico do observador distanciado.

Rocha e Santini (2009) explicam que, quanto às dificuldades da crítica em delimitar e definir a sátira, é possível identificar um traço recorrente nessa figura linguística: o fato de ser um discurso empenhado. Como objetivos do discurso satírico, as autoras defendem o reformar, moralizar, corrigir, restaurar, converter, permitindo que se entenda a premissa do que seja a sátira. As autoras explicam que, independentemente da forma que o discurso satírico é realizado, o alvo tem sempre uma intenção ética.

A relação direta entre sátira e crítica nos explica que a ideia da recusa de algo indesejado está presente nesse discurso. A insatisfação motiva a sátira e, citando Bosi (1993 *apud* ROCHA; SANTINI, 2009), o lugar de onde se move esse recurso é um *topos* negativo, recusando à linguagem, aos costumes e à forma de pensar atual, sendo a crítica uma reação contra o que se pensa ser inadequado pelo satirista.

As obscuridades vão se tornar o alvo do discurso satírico, e estas são selecionadas por critérios subjetivos, ideológicos, etc., designados pelo termo “valor” (ROCHA; SANTINI, 2009). Também importante refletir sobre a ironia machadiana, que, de acordo com Frazão (2009), organiza um “dinamismo vertiginoso” em termos de reflexão. Não são criadas ações de suspense ou cenas densas, eivadas de linearidade, como se fossem peripécias, mas sim um terreno movediço, de atmosfera tensa. As obviedades são misteriosas. Para Frazão (2009), em Horácio a cena cotidiana já era desvelada quando apontava as mazelas humanas. Contudo, as críticas sociais, ainda que com forte capacidade crítica, perdiam força literária.

4.1. O humor satírico em *Pai contra mãe*

De forma geral, a sátira machadiana, bem como a ironia, são elementos presentes na narrativa do autor, constituindo-se em aspectos que mais definem seus textos, e um dos primeiros que chamam a atenção do leitor mais perspicaz. Em *Pai contra mãe*, os primeiros parágrafos já introduzem um tema denso e forte, que chega ao leitor como uma lança em chamas, uma vez que fala sobre a escravidão e discorre sobre algumas práticas dos senhores para com os escravos. Machado usa de uma narrativa fluida e, como dito anteriormente, ao citarmos Frazão (2009), um dinamismo vertiginoso, já que parece o autor narrar de forma comum e linear, mas claramente se mostra de outra forma, pelo conteúdo narrado.

O início da narrativa é denso, descrevendo todo o horror da escravidão, mas a forma de narrar induz o leitor a relativizar os acontecimentos ao deslocar, quase que imediatamente, o foco narrativo. Ou seja, a sátira diz algo como se não se quisesse dizer o que está dizendo. A ironia está num campo movediço, como se o fato fosse natural, porém, explicitando ao leitor a crítica ferrenha que envolve o discurso.

A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. (ASSIS, 1906, página 659)

Machado, no trecho acima, traz alguns elementos sombrios e incômodos para o leitor. E o faz de uma maneira aparentemente despreziosa, mas, como visto, propositalmente. Ao dizer que a máscara era grotesca – nem sempre a ordem social e humana se alcança sem o grotesco –, mostra uma ironia forte, que legitima sua sátira e esclarece ao leitor que, caso desavisado estivesse, já compreenderia a linguagem irônica e o humor satírico machadianos.

A introdução do conto, ao falar sobre os costumes da escravidão, as práticas de repressão da fuga, a violência simbólica e física cometida contra os escravos, aparenta explicar, justificar ou, até mesmo, preparar o leitor, contextualizando-o diante das informações primeiras e das próximas que irão aparecer.

Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos. (ASSIS, 1906, página 660).

O trecho citado traz a atmosfera quase displicente que envolve a trajetória da personagem. Ao apresentar quem é a personagem Cândido, o autor passa um certo aborrecimento, algo quase desagradável ao leitor. Mostra-nos que a personagem não é afeita ao trabalho, não se encaixa em nenhuma ocupação que exija um esforço maior, uma dedicação. O termo “não aguentava” já transmite a ideia de que o ofício para Cândido era algo penoso. É esse o homem que vai ser responsável pela captura de Arminda. Ou seja, o autor informa os leitores que Cândido poderia ter outros ofícios, outras atividades, mas não quis, preferiu algo, a seu ver, mais fácil. “Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo.”

Com o tempo, já não havia tanto retorno para o ofício de Cândido, além de outros realizarem o serviço, não sendo mais tão fácil para ele garantir o alimento e recursos para a família. Outros desempregados se apegavam ao serviço de capturar escravos, havendo competição, o que dificultava ainda mais a situação. Comia-se fiado e mal, o senhorio cobrava os aluguéis. Clara, esposa de Cândido, cosia para fora e ele, cada vez mais desesperado, chegava até a capturar negros livres, já não mais escravos, por confundir-se. Também se confundia ao pegar escravos que iam a serviço de seus senhores.

Nessas circunstâncias, chegamos ao ponto em que Tia Mônica diz a Cândido que ele deve procurar outro ofício, ao passo que “Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.” O humor com o qual Machado discorre a preguiça de Cândido para qualquer outra atividade é bem característico. Lembremo-nos que, no início do conto, o narrador já alerta o leitor para o fato de que a personagem não se enquadra em qualquer outra atividade, e que não se tratava de não aprender, já que eram atividades relativamente fáceis, mas da falta de vontade de fazê-lo.

Após um tempo, estando Clara grávida e perto de dar à luz, Tia Mônica aconselha Cândido a algo que o narrador diz se recusar a escrever. Por fim, a tia sugere para que levem a criança à Roda dos Enjeitados.

Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim... (ASSIS, 1906, página 664)

Tia Mônica representa uma figura que, apesar de falas cruéis e fortes, traz à luz a situação difícil e real pela qual a família está passando, se colocando como uma personagem que tenta despertar Cândido frente à realidade, tanto quanto ao ofício que ele exerce, quanto às dificuldades e à situação de extrema pobreza, que tendem a piorar e podem levar à morte da criança.

Posteriormente, são ameaçados pelo senhorio, precisando deixar a casa onde viviam. Graças à Tia Mônica não foram para a rua, pois esta conseguiu, por empréstimo, um local com três cômodos. A mulher leva um tempo para dizer ao casal que conseguira o empréstimo de outra casa, pois queria que Cândido, entrando em desespero, enjeitasse o filho, conseguindo outra forma de emprego e aprumando-se na vida.

Nascida a criança, Cândido vê-se na situação em que precisa, de fato, levar o filho para a Roda de Enjeitados. Apesar de parecer conformado, resolve procurar outros anúncios, juntar imagens, até encontrar uma que lhe chamou a atenção, pois era a maior recompensa: cem mil réis. Saiu, numa última tentativa de salvar o filho e a família da situação difícil. Não conseguiu encontrar a escrava, perguntou para um farmacêutico, colheu informações, mas não logrou êxito, voltando triste para casa.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbons. (ASSIS, 1906, página 665)

Assim, o narrador consegue construir uma atmosfera densa, triste e preocupante para o leitor. Apesar de não ser uma personagem simpática devido as suas características ou qualidades, Cândido consegue alcançar alguma simpatia com seu sofrimento como pai. De fato, a personagem não quer levar o filho embora, está em sofrimento e em situação de miséria. O único trabalho em que conseguiu algum sucesso foi o de capturar escravos fugidos. Ao chegar o momento derradeiro, no qual deve levar o filho para a Roda dos Enjeitados, a narrativa, como dito anteriormente, se torna incerta, inquietante. É o momento em que, por fim, Cândido vê a escrava fugida, que prometia o maior valor em recompensa. Ali, a personagem vê a salvação do filho e da família. Não importava se Arminda estava grávida, se implorava por sua liberdade. Eram um pai e uma mãe, duas crianças, duas misérias, mas um deles era mais forte, tanto física quanto simbolicamente.

Assim, Machado consegue contrapor dois lados representativos, porém, ironizando o pensamento de Cândido ao dizer: “Nem todas as crianças vingam”. No caso, muito menos vingam quando são filhas de escravas, em contraposição à criança branca, ainda que pobre.

Silva (2008) trabalha aspectos do conto, ressaltando que é possível notar que Cândido é mais que um despreparado profissionalmente em disputa com o escravo, pois é um elemento de uma estrutura social que desvaloriza o trabalho. Citando Faoro (1958), a falta de mercado de trabalho industrializado está em evidência em face da escravidão. Cândido seria uma vítima dessa ordem escravocrata, atrasada e sem perspectivas.

A autora traz uma reflexão interessante também ao dizer que, de fato, se o leitor se mantivesse na forma aparente do conto, o enredo seria interpretado como uma luta de um pai pela vida de seu filho. Contudo, quando analisamos o sentido da ação da personagem, o fato não se apresenta tão simples. A forma de Cândido levar a vida é apresentada de pronto ao leitor, o que, repete-se, já deixa clara uma certa relutância por parte da personagem quanto a um

trabalho fixo, que exigisse uma melhor qualificação. Inclusive quanto à ocupação, Tia Mônica já reforçara que, a depender do ofício, a vida seria diferente. O narrador quase que sugere ao leitor que Cândido não precisaria passar por aquela situação, transformando-se no algoz, digamos assim, de Arminda.

Silva (2008) também ressalta que Cândido seria racional em relação a valores, por exemplo, já que consegue atribuir um sentido para suas atitudes, uma vez que mudar de profissão também seria mudar a sua pessoa, ser outro alguém. Sobre a Roda dos Enjeitados, é interessante a citação da autora:

Segundo Jurandir Freire Costa (1999, p. 164-170), a instituição Casa dos Enjeitados, Casa da Roda ou simplesmente “roda” foi criada em 1738, por Romão Mattos Duarte com fins caritativos e assistenciais de acolher as crianças abandonadas. Sendo o nome de “roda” disseminado pelo tipo de dispositivo através do qual a instituição recebia as crianças. “A roda era um cilindro de madeira que girava em torno de um eixo, com uma parte da superfície lateral aberta, por onde eram introduzidos os ‘expostos’. Este dispositivo permitia que as crianças fossem entregues à Casa sem que o depositário e o recebedor pudessem ver-se reciprocamente.” (COSTA, J., 1999, p. 164). O autor aponta como esta instituição fundada a princípio para proteger a honra da família colonial e a vida da infância, acabou por servir às transgressões sexuais, incentivando a libertinagem. (SILVA, 2008, p. 79)

Nota-se que as necessidades pelas quais passam Cândido e Clara, bem como a resistência em entregar o filho, reforçam o discurso da miséria entre todos os personagens, e permeia toda a atmosfera do conto. Silva (2008) explica que a violência de toda a situação do conto coloca os interesses de todos contra todos, numa corrente que poderia ser rompida, caso não houvesse o comportamento já esperado de cada um deles.

Após Arminda, grávida, tentar convencer Cândido a não a levar, haja vista seu senhor ser um homem mau, recebe como resposta que a culpa é dela, pois fez filhos e fugiu. Esse julgamento, segundo Silva (2008) ocorre logo após a própria personagem deixar seu filho numa farmácia. Citando Bosi (1982 *apud* SILVA, 2008), a relação entre Arminda e Cândido não seria algo a gerar conflitos naturalmente, uma vez que ele é um pai e ela é uma mãe, mas no âmbito social torna-se antagônica, já que ele persegue escravos e ela é escravizada. Machado aponta sua crítica não apenas o comportamento individual da personagem de uma classe, mas para toda a sociedade que movimenta e engrena tal processo, já que Cândido é homem e branco, numa sociedade patriarcal e escravocrata.

4.2. Mariana (1871) e a sátira machadiana

Como já visto no conto *Mariana*, também há a abordagem sobre a escravidão e suas mazelas, seus reflexos e, principalmente, como os agentes sociais enxergavam e se portavam diante dessa realidade.

Machado conseguia, através da já mencionada aparente e despretensiosa narrativa, criticar e expor, de forma concreta, temas sensíveis e complexos, como a escravidão e seus desdobramentos sociais, principalmente quanto aos posicionamentos dos homens livres e ricos, “senhores de engenho”, senhores e senhoras de boa-fé, que tratavam algumas escravas até mesmo como se fossem filhas.

Bosi (1982 *apud* SILVA, 2008) defendia que Machado de Assis apresentava baixo grau de consciência da ambiguidade existente entre as relações sociais assimétricas, dividindo as personagens em “boas” ou “más” apenas. Contudo, entende que o conto *Mariana*, incluído na primeira fase de Machado, apresenta, sim, uma narrativa sarcástica.

Termos usados pelo personagem Coutinho, ao se referir à forma com a qual Mariana era tratada, são extremamente sarcásticos, tais como “bondosa” e “quase senhora”. Macedo, o primeiro narrador, ao encontrar amigos de há quinze anos, propõe um almoço para que falem sobre as novidades. Dois deles viviam de seu próprio trabalho, o escrivão e o negociador. Coutinho e Macedo, por sua vez, eram dois *bons-vivants*, apreciadores da boa vida, fruto dos resquícios da sociedade rural e aristocrata de engenho, do trabalho duro que nunca era feito por eles, mas pelos escravos.

Silva (2008) reflete também sobre o momento em que Coutinho, ao contar sobre a cria da casa, Mariana, quando em confronto com ela, em situações outrora já citadas, chama-a de insolente, recebendo por resposta uma pergunta: “Insolente?”, dita essa frase com altivez. Mariana, então, recorda-se de sua posição, retomando sua humildade natural, pedindo perdão pelas atitudes. Schwarz (1977 *apud* SILVA, 2008) refere-se à cumplicidade entre as partes, um favor que assegurava à mais fraca a ideia de que nenhuma era escrava, pois o favor assegura isso.

Ainda a autora cita Sidney Chalhoub (2003 *apud* SILVA, 2008) que, ao analisar o conto *Mariana*, enfatiza a importância por estar num contexto complicado politicamente. Em janeiro de 1871, a questão da emancipação dos escravizados era forte. Ao analisar, então, o conto como um documento histórico, representando a situação de violência e humilhação presentes nas relações paternalistas – uma vez que os dependentes nutrem gratidão para com seus senhores, tendo certa estima, inclusive –, também ressalta que a situação de inferioridade pode ser trazida

à baila pelos próprios senhores, constringendo e reforçando que a sensação de “quase alguma coisa” é muito forte.

Coutinho, então, apresenta certos “remorsos” por ter sido a causa da morte de Mariana, talvez isso significando ou indicando uma consciência dos horrores da escravidão. Porém, o leitor é logo dissuadido de suas impressões quando a narrativa demonstra que, após Coutinho contar sua história em forma de “galhofa”, como bem destaca Silva (2008), o andar leve e desinteressado, reparando nos pés das moças, só mostrava que o “remorso” durava apenas cinco minutos, já que os quarentões logo voltavam ao papel de predadores sociais e sexuais, conforme Chalhoub, 2003, p. 136-7 *apud* SILVA, 2008). A impressão do remorso ou, talvez, uma pretensa culpa de Coutinho, não parece ser maior do que até mesmo sua vaidade por ter sido muito amado; aliás, nunca amado como fora por Mariana, nem antes nem depois do amor dela.

Vieira (2019), ao analisar as relações da mulher negra, em especial no conto, reflete como o perdão da senhora só veio depois de saber os reais motivos pelos quais Mariana cometeu suicídio. Para a autora, esse ato nada mais é do que a confirmação de que a decisão vem de uma tentativa de libertação do sistema ditador senhorial.

Citando Duarte (2009 *apud* VIEIRA, 2019), a autora traz um elemento usado por Machado, de colocar no narrador a figura oposta, que, no caso, era o homem branco, de forma que ele mesmo seja exposto e explicita a insensibilidade e o descaso com os quais eram tratados os negros. Além da ironia, tão presente no discurso machadiano, o sarcasmo com o qual encerra o texto reforça quão burguês era o discurso de Coutinho, e quão rasos seus sentimentos em face da “cria da casa”.

5. CONCLUSÃO

O humor satírico em Machado é uma característica importante e determinante em sua narrativa. O autor, que trabalhava temas caros à crítica social, abordou, de forma magistral e rigorosa, temáticas extremamente atuais e históricas, auxilia o leitor a compreender não só o momento social da época, bem como o momento atual que, por vezes, se mostra um reflexo do passado.

A ironia machadiana trabalha na narrativa, muitas vezes deixando o leitor numa sensação de corda bamba, entre dualidades e indecisões sobre qual lado seguir, quem entender, qual o certo ou o errado. A maestria do autor converge nesse ponto, que observamos em *Pai contra mãe*. Ainda que o autor quisesse expor as mazelas e criticar a sociedade quanto à escravidão, também consegue criar uma narrativa que deixa o leitor em dúvida e, constantemente, incapaz de exercitar o julgamento entre o certo e o errado. A escravidão era

inadmissível, mas existia. Cândido exercia o ofício de capturar escravos e precisava do dinheiro, pois sua miséria o levaria a entregar o filho na Roda dos Enjeitados.

Essa situação não ocorre em *Mariana*, que explicita como a mulher sofria enquanto mulher e, principalmente, como escrava, já que Mariana era “quase senhora”, quase filha, quase irmã, quase mulher. Não poderia sonhar ou pensar em casar-se com o senhorzinho, pois ela não era uma pretendente aceitável. Sua vida não era como a vida das demais mulheres da sociedade, era uma quase vida. Não poderia cogitar apaixonar-se pelo seu senhor, mas, somente pelos empregados da casa, segundo o próprio objeto de seu amor.

Em *Mariana*, a morte ocorre primeiro no espírito, em sua aniquilação como pessoa que sonha, sente, ama. A incapacidade de viver em liberdade, ainda que tivesse uma “vida boa” na casa, deixa claro que era boa para uma escrava, mas não exatamente boa para um ser humano. Não vivia como alguém livre, era chamada de insolente sem poder se defender. Se fosse embora, estava fugindo. Até depois de morrer foi alvo de fúria, de indignação. Como não poderia ser uma pessoa liberta e, ainda que o fosse, jamais alcançaria os direitos decorrentes dessa liberdade, como amar como uma mulher comum, casar-se e ascender socialmente, como era rotineiro na época para algumas mulheres, preferiu a fuga e a morte. Por outro lado, Arminda também sofreu com a morte do filho que levava em seu ventre, pois era culpada por ter fugido e ter engravidado. Era culpada pela sua situação; a morte era certa, óbvia, não haveria futuro. Não houve misericórdia para ela, pois nem todas as crianças vingam. Nem todas as vidas vingam.

Tais conclusões, que Machado insere perfeitamente em sua narrativa, levam a reflexões muito mais profundas, induzindo e produzindo mudanças no leitor, que, por sua vez, atiza modificações em seu meio, projetando situações factuais e mais coerentes com a realidade.

O humor satírico de Machado precisa modificar e constranger, ao mesmo tempo em que provoca um riso não só cômico, irônico, mas subjacente de crítica, de uma crítica mordaz, contundente. A escravidão escancarada, a elite ociosa, a burguesia subserviente, os hábitos rurais e patriarcais externados em sua tacanhez, são mais vexatórios quando percebemos que, ainda hoje, são comuns. O papel do leitor crítico é o de identificar, nas narrativas como as que nos brinda Machado, formas de gerar seus próprios significados, criando seu próprio texto, adaptado ao seu universo social.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de **Mariana**. In: *Obra Completa*. Vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962. p. 771-783. (Publicado originalmente em *Jornal das Famílias*, janeiro de 1871). Disponível em: <<https://machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/avulsos/CONTO,%20Mariana,%201871.htm>>. Acesso em 20 abril, 2021.

_____. **Pai contra mãe**. In: *Obra Completa*. Vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962. p. 659-667. Disponível em: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro (<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>). A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf>>. Acesso em 5 mai, 2021.

CASTAÑEDA, Irene Zanette. “Pai contra mãe” de Machado de Assis: Um olhar sócio-psico-semiótico. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – No 02 – Ano I – 10/2012 Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – ISSN: 2238-6424 – www.ufvjm.edu.br/vozes. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/PAI-CONTRA-MÃE-DE-MACHADO-DE-ASSIS-UM-OLHAR-SÓCIO-PSICO-SEMIÓTICO_irene-zanette.pdf>. Acesso em 15 mai, 2021.

FRAZÃO, Idemburgo. EPODOS E SÁTIRAS – MAGIA?: O OLHAR CRÍTICO DE HORÁCIO E MACHADO DE ASSIS. e-ISSN 2358-7326 | ISSN: 1415-6881. **Principia**. N 18. (2009). Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/8157/5938>>. Acesso em 5 mai, 2021.

MAHL, Daniela da Silva. **Mariana em dois tempos**: Machado de Assis, a escravidão e a república. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

PROENÇA, Paulo Sérgio de. Aspectos da sátira em Machado de Assis. **Capoeira – Humanidades e Letras**, v. 1, 2015, p. 61-77. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/Aspectos_da_satira_em_machado_de_assis.pdf>. Acesso em 5 mai, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro (org). *Contos (quase) esquecidos/Machado de Assis*. 2ª ed. – São Paulo, SP: Editora Filocalia, 2020.

ROCHA, Rejane Cristina; SANTINI, Juliana. Sátira e humor em Machado de Assis: dois casos exemplares. **Signótica**, v. 21, n. 1, 51-75, jan/jun. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/8614/6082>>. Acesso em 5 mai, 2021.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. Ed. 34. São Paulo: Duas Cidades, 2000. Disponível em: <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/04/schwarz-um-mestre-na-periferia-do-capitalismo.pdf>>. Acesso em 3 abr, 2021.

SILVA, Eliane da Conceição. **Estudos da violência**: uma análise sociológica dos contos de Machado de Assis. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2008. Disponível em: <https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias_sociais/1581.pdf>. Acesos em 18 mai, 2021.

VIEIRA, Andressa dos Santos. A mulher negra e as relações de poder em Mariana, de Machado de Assis. **Revista Crioula**, 1(23), 54-65, 2019. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/155680/154926>>. Acesso em 15 mai, 2021.